

Cessar-fogo em Gaza, Outubro de 2025

Após quase exatamente dois anos, o que a Anistia Internacional, Médicos Sem Fronteiras, a Associação Internacional de Estudiosos do Genocídio e um Painel de Inquérito da ONU descreveram inequivocamente como um **genocídio** finalmente chegou ao fim - ou pelo menos, alcançou uma pausa temporária.

Termos do Cessar-fogo

O cessar-fogo anunciado em 6 de outubro de 2025 está sendo descrito em círculos diplomáticos como “frágil”, “precário” e “condicional”. Mas essas descrições apenas arranham a superfície. Os próprios termos revelam a devastadora assimetria de poder no terreno, a profundidade do sofrimento enfrentado e o grau em que normas internacionais básicas foram sistematicamente violadas por quase dois anos.

Troca de Reféns

O componente mais visível do cessar-fogo é uma troca de prisioneiros e detidos: **o Hamas deve libertar os 20 reféns israelenses restantes** em sua custódia - civis e soldados capturados durante ou após a escalada de outubro de 2023 - em troca da libertação de **1.950 detidos palestinos** mantidos por Israel. Estes incluem **250 prisioneiros e 1.700 indivíduos classificados como detidos administrativos** - pessoas presas sem acusação, julgamento ou condenação.

A detenção administrativa, há muito condenada por observadores jurídicos internacionais, permite que Israel mantenha palestinos presos indefinidamente sob a lei militar. Muitos dos que serão libertados foram detidos **sem acesso a representação legal**, frequentemente com base em **evidências secretas** ocultadas tanto dos detidos quanto de seus advogados. Outros foram condenados em **tribunais militares israelenses**, que operam com uma taxa de condenação próxima de 100% e foram criticados por violar os padrões mínimos de devido processo sob o direito internacional.

Talvez o mais angustiante sejam as condições em que esses indivíduos foram mantidos. Ao longo da guerra, e especialmente no último ano, relatórios confiáveis de várias organizações de direitos humanos documentaram o **tratamento desumano, degradante e frequentemente violento de detidos palestinos** em prisões e centros de detenção israelenses. Isso inclui **fome, negação de cuidados médicos, espancamentos, humilhação sexual, posições de estresse prolongadas** e, em alguns casos, **estupro**. Vários detidos morreram em custódia em circunstâncias suspeitas. Nenhuma dessas alegações foi investigada de forma independente pelas autoridades israelenses.

Essa troca, embora seja uma libertação parcial, é mais do que um gesto diplomático. É uma janela para os mecanismos da ocupação, a criminalização sistemática da existência

palestina e a normalização da detenção indefinida sem direitos.

Ajuda Humanitária: 600 Caminhões por Dia

Sob os termos do cessar-fogo, **Israel concordou em permitir a entrada de 600 caminhões de ajuda humanitária por dia em Gaza** - um número ainda muito inferior aos níveis anteriores à guerra de 2023, mas significativamente maior do que o permitido nos últimos meses. Antes do cessar-fogo, alguns dias viam menos de 20 caminhões entrando, apesar das condições de fome e doenças generalizadas.

Esse compromisso, no papel, pode parecer progresso. Mas também é uma **admissão silenciosa** de culpa. Por quase dois anos, Israel bloqueou sistematicamente a ajuda a Gaza - alimentos, água, medicamentos, combustível e materiais de reconstrução - apesar da situação humanitária catastrófica. Essa obstrução violou o **direito humanitário internacional consuetudinário**, particularmente a **Regra 55**, que determina a passagem livre de ajuda humanitária para civis necessitados. Também violou os **Artigos 55 e 59 da Quarta Convenção de Genebra**, que exigem que as potências ocupantes garantam a sobrevivência das populações civis e permitam esforços de socorro quando não conseguem ou não desejam fornecer necessidades básicas.

Além disso, em 2024, o **Tribunal Internacional de Justiça emitiu medidas provisórias** ordenando que Israel evitasse atos de genocídio e permitisse o livre fluxo de ajuda humanitária. Essas medidas foram ignoradas.

Agora, sob pressão, a aceitação de Israel dos termos de ajuda não representa generosidade - representa **conformidade, atrasada há muito tempo**, com obrigações que havia violado ilegalmente. E mesmo com o aumento de caminhões, **não há garantia** de acesso irrestrito, segurança para trabalhadores humanitários ou distribuição equitativa em uma região onde mais de 80% da população está deslocada, muitos vivendo sem abrigo ou saneamento.

Reposicionamento Militar: Gaza Reduzida em 53%

O terceiro pilar do acordo de cessar-fogo diz respeito ao reposicionamento das forças militares israelenses. As **Forças de Defesa de Israel (IDF) se retirarão para uma chamada "linha amarela"**, uma fronteira temporária que deixa **53% de Gaza sob ocupação militar israelense direta contínua**. Isso reduz efetivamente o território funcional e habitável de Gaza para **47% de sua área original** - uma realidade com enormes implicações.

Essa movimentação formaliza o que muitos observadores já haviam alertado: que essa guerra não era apenas punitiva, mas territorial. Apesar das negações oficiais israelenses de reocupação, o mapa do cessar-fogo conta uma história diferente. O que permanece sob controle israelense inclui corredores rodoviários principais, infraestrutura estratégica de água e energia, terras agrícolas e grande parte da região norte de Gaza - agora tornada inabitável.

Em essência, **Gaza foi dividida**, não apenas por escombros e deslocamentos, mas por partição militar. Mais de um milhão de pessoas estão agora amontoadas em uma fração do

sul de Gaza, deslocadas várias vezes, separadas de casas para as quais talvez nunca retornem. O cessar-fogo, portanto, não reverte a ocupação - ele **a consolida**.

Um Cessar-fogo Construído sobre Cinzas

Estes são os termos. Brutais, assimétricos e nascidos não de um acordo mútuo, mas de desespero, pressão e condenação global esmagadora.

Não há justiça embutida nesses termos - apenas sobrevivência. Ainda não há responsabilidade - apenas uma pausa. E a própria linguagem de "cessar-fogo" obscurece as condições sob as quais esse acordo foi feito: os escombros de um território devastado, o trauma de uma população visada e o desmantelamento sistemático de normas legais e da dignidade humana.

O que virá a seguir - politicamente, juridicamente, moralmente - dependerá de se o mundo tratar este cessar-fogo como um fim ou como uma abertura.

Uma História Perturbadora

Há esperança em cada cessar-fogo. A esperança de que as armas permaneçam silenciosas, que os civis possam finalmente voltar para casa, que as crianças possam dormir sem medo de acordar sob escombros. Mas a história - particularmente a história de Israel com cessar-fogos - tempera essa esperança com realismo.

Israel tem um padrão longo e bem documentado de **violar ou minar cessar-fogos** - às vezes em questão de horas, muitas vezes por meio de ações militares calculadas apresentadas como "preventivas" ou "defensivas". Embora as violações de cessar-fogo não sejam exclusivas de um lado em um conflito, o registro é claro: **Israel repetidamente quebrou acordos que assinou ou ajudou a negociar**, especialmente quando a conveniência militar ou política o exigia.

Cronologia de Cessar-fogos Violados

Ano	Partes / Mediador	Termos Principais	Colapso ou Violação
1949	<i>Armistício Árabe-Israelense (ONU)</i>	Fim das hostilidades; zonas desmilitarizadas	Incursões israelenses na DMZ síria reacenderam confrontos.
1982	<i>Cessar-fogo no Líbano mediado pelos EUA</i>	Retirada do PLO; garantias civis dos EUA	Massacre de Sabra e Shatila (2.000–3.500 mortos) após entrada de falangistas permitida por Israel.
2008	<i>Trégua Hamas-Israel mediada pelo Egito</i>	Calma mútua; alívio do bloqueio	Quebrada em 4 nov. 2008 por um ataque das IDF em um túnel em Gaza; escalada imediata.
2012	<i>Cessar-fogo mediado pelo Egito (Pilar de Defesa)</i>	Cessações de ataques; alívio do cerco	Bloqueio mantido; violações periódicas retomadas em meses.

Ano	Partes / Mediador	Termos Principais	Colapso ou Violação
2014	<i>Tréguas humanitárias durante a guerra de Gaza</i>	Cessar-fogos diários	Colapsaram em poucas horas; ataques retomados por ambos os lados.
2021	<i>Cessar-fogo pós-"Guardião dos Muros"</i>	Mediação Egito / EUA	Ataques aéreos israelenses retomados semanas depois.
Nov 2023	<i>Trégua temporária em Gaza</i>	Troca de reféns-prisioneiros	Expirou em 1º dez. 2023; bombardeios retomados no dia seguinte.
Nov 2024	<i>Cessar-fogo Israel-Hezbollah</i>	Acordo de 13 pontos mediado pelos EUA	Ataques aéreos israelenses no sul do Líbano persistiram até 2025.
Mea- dos de 2025	<i>Desescalada Israel-Síria</i>	Trégua local no sul da Síria	Apesar da trégua, ataques israelenses continuaram em Damasco e Suwayda.
Out 2025	<i>Atual cessar-fogo em Gaza</i>	Quadro em três fases dos EUA	Implementação incerta; grandes partes de Gaza permanecem ocupadas e a ajuda é limitada.

Padrões de Violação

Em quase todos os casos, o colapso de um cessar-fogo foi seguido por uma **narrativa de justificação**: uma ameaça neutralizada, um túnel destruído, um foguete interceptado. Essas justificativas raramente resistem ao escrutínio e frequentemente parecem **estrategicamente cronometradas** para coincidir com mudanças políticas internas ou eventos internacionais. O **cessar-fogo de novembro de 2008**, por exemplo, foi quebrado por um ataque israelense logo após o fim das eleições nos EUA - possivelmente para antecipar mudanças previstas na política externa americana. O **cessar-fogo de 2023** colapsou no momento em que sua utilidade de curto prazo se esgotou.

Mesmo em acordos explicitamente focados na proteção humanitária - como as **tréguas de 2014 e 2021** - as operações israelenses foram retomadas com pouco respeito pelo direito da população civil à segurança e ao descanso.

O **cessar-fogo de 2025**, embora anunciado como mais abrangente, já mostra sinais de fraqueza estrutural. **A ajuda ainda está sendo restrita**, o movimento dentro de Gaza permanece rigidamente controlado e **as tropas terrestres das IDF não se retiraram completamente** de vastas áreas da Faixa. Líderes israelenses referiram-se publicamente a este cessar-fogo como uma "pausa tática", não um passo em direção à paz - uma linguagem que trai a natureza temporária e descartável do acordo.

Direito Internacional, Conformidade Seletiva

A capacidade de Israel de violar cessar-fogos com quase total impunidade é facilitada pela **falta de responsabilidade significativa** da comunidade internacional. Embora os acordos

de cessar-fogo sejam frequentemente negociados com linguagem enraizada no direito internacional, a aplicação é rara. Condenações da ONU são vetadas. Investigações do Tribunal Penal Internacional são adiadas ou bloqueadas. E estados ocidentais influentes - particularmente os Estados Unidos - historicamente protegeram Israel das consequências.

Esse padrão erode não apenas a confiança dos palestinos nos cessar-fogos, mas também a credibilidade do próprio direito internacional. Quando as violações se tornam rotineiras e impunes, os cessar-fogos tornam-se menos sobre paz e mais sobre **recalibragem estratégica** - reinícios temporários antes da próxima ofensiva.

Ecos de Sabra e Shatila

Os termos do cessar-fogo de outubro de 2025 estão longe de serem abrangentes. Embora abordem questões imediatas - como a troca de reféns, acesso humanitário limitado e reposicionamento militar parcial - também deixam lacunas preocupantes. Entre as mais inquietantes está a **exigência não resolvida** de que os combatentes do Hamas **se desarmem ou deixem Gaza** em fases futuras das negociações.

No papel, isso pode parecer um passo em direção à “desmilitarização”. Mas, na prática, carrega um peso histórico assustador - um peso que ecoa **Beirute, 1982**.

No verão daquele ano, durante a invasão israelense do Líbano, foi alcançado um **cessar-fogo mediado pelos EUA** entre Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (PLO). A promessa central: **os combatentes do PLO deixariam Beirute ocidental**, e em troca, **os civis nos campos de refugiados palestinos teriam sua segurança garantida**. Sob garantias dos EUA, forças internacionais chegaram para supervisionar a retirada do PLO. Mas, em setembro, essas forças partiram - prematuramente e sem cumprir totalmente seu mandato.

O que se seguiu permanece uma das manchas mais escuras da história moderna do Oriente Médio.

Em setembro de 1982, **tropas israelenses cercaram os campos de refugiados de Sabra e Shatila** em Beirute ocidental. Então, ao longo de **três dias**, comandantes israelenses **permitiram que milícias cristãs falangistas libanesas entrassem nos campos**. As milícias, movidas por vingança sectária e encorajadas pela impunidade, **massacraram entre 2.000 e 3.500 civis palestinos e libaneses** - a grande maioria mulheres, crianças e homens idosos. O mundo assistiu horrorizado enquanto os corpos se acumulavam.

A própria **Comissão Kahan** de Israel, convocada em 1983 sob pressão pública, concluiu que as **Forças de Defesa de Israel tinham responsabilidade indireta** pelo massacre. Ariel Sharon, então Ministro da Defesa, foi considerado pessoalmente responsável por não evitar o derramamento de sangue. Ele renunciou ao cargo, mas permaneceu uma figura poderosa na política israelense. A **Assembleia Geral da ONU** foi além, chamando o massacre de **um ato de genocídio** - um termo que ressoaria por décadas.

A sombra de Sabra e Shatila paira pesadamente sobre Gaza hoje. A **sugestão implícita do cessar-fogo atual** - que os combatentes devem partir em troca da proteção civil - **espelha as falsas garantias de 1982**. Naquela época, assim como agora, a retirada da resistência armada é retratada como um caminho para a paz. Mas a história mostrou que **quando a resistência parte e os observadores internacionais saem, as pessoas deixadas para trás são as que mais sofrem**.

O risco não é teórico. No norte de Gaza, quase esvaziado de civis e declarado “zona segura”, valas comuns já foram descobertas. Trabalhadores humanitários e jornalistas documentaram sinais de **execuções sumárias**, sinais de **tortura** e, em alguns casos, **famílias inteiras enterradas sob edifícios colapsados onde nenhum resgate foi permitido**. Esses não são incidentes isolados - são potenciais precursores.

Se as fases futuras do cessar-fogo incluírem a **retirada ou desarmamento do Hamas sem uma proteção internacional robusta, a história nos avisa exatamente o que pode acontecer a seguir**.

O massacre de Sabra e Shatila não é apenas uma tragédia distante. É um **precedente** - um modelo para o que pode acontecer quando forças militares exploram vácuos de poder, quando civis são privados de proteção e quando o mundo vira as costas após declarar “missão cumprida”.

Os ecos de Beirute em 1982 agora ressoam em Gaza em 2025. A questão é se alguém está realmente ouvindo - e se, desta vez, o resultado pode ser evitado.

Dissonância na Mídia Israelense

Enquanto manchetes internacionais saudavam o cessar-fogo de outubro de 2025 como um avanço tão esperado, **uma narrativa muito diferente tomou conta em Israel** - especialmente na mídia em língua hebraica. Enquanto correspondentes estrangeiros falavam de diplomacia, desescalada e aberturas humanitárias, a maioria dos meios de comunicação israelenses **evitou completamente o uso da palavra “cessar-fogo”**.

Em vez disso, o enquadramento dominante era mais estreito, mais transacional: **um acordo de troca de reféns**, não uma desescalada política ou militar. A distinção não é apenas semântica. Ela reflete uma dissonância ideológica e estratégica mais profunda - entre como a guerra é percebida fora das fronteiras de Israel e como é enquadrada, defendida e possivelmente prolongada dentro delas.

Gerenciando a Percepção: Cessar-fogo vs. Capitulação

Em Israel, anunciar um “cessar-fogo” implicaria **o fim das operações militares ativas**, uma pausa nos bombardeios e potencialmente - impensável para alguns - uma **concessão ao Hamas**. Por mais de dois anos, o governo israelense, o exército e o ecossistema midiático disseram ao público que a **vitória total** em Gaza era o único resultado aceitável. Os objetivos declarados eram a **destruição completa do Hamas**, a **desmilitarização perma-**

nente de Gaza e, nas palavras de vários ministros, a “**transferência voluntária**” ou “**remoção**” da população de Gaza.

Reconhecer agora um cessar-fogo significaria contradizer essa narrativa. Força o público a enfrentar a realidade de que **a guerra não terminou em vitória total** - que, apesar da força militar esmagadora, **o Hamas permanece parcialmente intacto, Gaza permanece parcialmente de pé** e, mais importante, **os palestinos permanecem**.

Ao enquadrar o acordo exclusivamente como uma **troca de reféns**, autoridades israelenses e meios de comunicação mantêm uma postura de força estratégica. Isso permite que digam ao público que **isso não é paz, não é compromisso - apenas uma jogada tática** para trazer os reféns israelenses para casa.

Contradições com a Retórica Anterior

Essa dissonância retórica é particularmente marcante quando contrastada com declarações feitas por figuras israelenses proeminentes durante a guerra. Vários ministros do governo, membros da coalizão e comentaristas influentes fizeram **chamados abertos à limpeza étnica de Gaza**. Em discursos no Knesset, postagens nas redes sociais e editoriais, o futuro de Gaza não foi descrito em termos de reconstrução, mas de **requalificação** - como “**imóvel privilegiado à beira-mar**” pronto para assentamentos israelenses uma vez que a população fosse removida.

Alguns fantasiaram abertamente sobre “Gaza sem gazenses”, um projeto que envolveria deslocamento em massa, ocupação permanente e o apagamento da vida e da história palestina da enclave costeira. Essas não eram vozes marginais. Elas vinham de dentro da coalizão governante, ecoavam em painéis de televisão e frequentemente permaneciam incontestadas no discurso mainstream.

Falar agora de “cessar-fogo” ou “negociação” seria **recuar publicamente dessas visões maximalistas** - admitir que um retorno à realidade política pode ser inevitável. Esse é um passo que poucos líderes estiveram dispostos a dar.

É uma Pausa Estratégica ou uma Mudança de Política?

A questão central, então, é se o cessar-fogo sinaliza uma **verdadeira mudança de rumo**, ou apenas uma **pausa temporária** - uma trégua tática destinada a recuperar reféns e se reorganizar antes de retomar as operações militares.

Vários indicadores sugerem o último. Em declarações públicas, o Primeiro-Ministro israelense e autoridades de defesa enfatizaram repetidamente que o cessar-fogo é “**condicional e reversível**”. A linguagem permanece beligerante: “**Voltaremos a Gaza se o Hamas violar o acordo**”, ou “**Isso não é o fim da campanha**.” Porta-vozes militares continuam a descrever o norte de Gaza como uma “zona de combate fechada”, e as rotações de tropas das IDF permanecem ativas em áreas designadas para retirada.

Na esfera pública israelense, a ausência de reflexão significativa sobre o custo humano da guerra, as implicações legais da ocupação ou o futuro político de longo prazo de Gaza su-

gere que **este ainda não é um momento de acerto de contas** - mas um de recalibragem.

Duas Realidades, Uma Guerra

Em arenas internacionais, o cessar-fogo é elogiado como um passo necessário para a paz, um potencial ponto de inflexão após uma devastação sem precedentes. Mas em Israel, a narrativa permanece congelada em uma fase anterior: **a guerra como necessidade, os palestinos como ameaça e a paz como capitulação.**

Essa realidade de tela dividida - de diplomacia no exterior e negação em casa - levanta questões profundas sobre o que vem a seguir. Pode um cessar-fogo sobreviver quando metade de seus signatários se recusa a nomeá-lo? Podem os reféns ser trocados sem enfrentar as razões pelas quais foram tomados em primeiro lugar? E, acima de tudo, **as condições para a paz podem surgir quando o projeto político dominante ainda visa apagar as pessoas do outro lado da fronteira?**

Só o tempo dirá se a liderança israelense realmente mudou de rumo - ou se este cessar-fogo, como tantos antes dele, é apenas **uma pausa antes da próxima rodada de destruição.**

Ao Povo de Gaza

Eu espero. Eu desejo. Eu oro para que o cessar-fogo se mantenha.

Mas eu não apostaria minha vida nisso - e vocês também não deveriam.

Reúnam-se com suas famílias. Comemorem, se puderem. Vocês merecem isso e muito mais. Mas mantenham-se vigilantes. Reabasteçam seus estoques de comida e água. Certifiquem-se de que seus filhos saibam para onde ir se as coisas recomeçarem. Certifiquem-se de que vocês saibam.

Porque se a história nos ensinou algo, é que esses silêncios são frequentemente o olho da tempestade - não o seu fim.

Se as fronteiras se abrirem e vocês desejarem partir, estejam prontos. Se escolherem ficar, estejam preparados. O cessar-fogo pode quebrar amanhã, na próxima semana, no próximo mês. Vocês podem ser deslocados novamente. Vocês podem ter que fugir novamente.

E digo isso não porque quero que seja verdade - mas porque pode ser. Porque já foi antes.

Eu odiaria ver Israel vencer. Eu odiaria vê-los arrasar os últimos pedaços de suas casas e memórias, apagarem suas vidas e chamarem isso de "requalificação". Mas suas vidas valem mais do que qualquer pedaço de terra. **Vocês** valem mais.

Façam o que for necessário para sobreviver. O que quer que a sobrevivência signifique para vocês, façam.

Porque Gaza não é apenas geografia. Não é apenas areia e mar. Gaza é vocês. E enquanto vocês viverem, Gaza viverá.

Permaneçam vivos.

À Comunidade Internacional

Não virem as costas agora. Não declarem paz e sigam em frente. Não deixem o Oriente Médio - mais uma vez - para Israel e os Estados Unidos fazerem o que quiserem.

O cessar-fogo em Gaza, tão frágil e limitado quanto é, não aconteceu sozinho. Ele foi forçado a existir pela pressão - por protestos, por indignação, por evidências esmagadoras demais para serem ignoradas. Essa pressão não deve diminuir. Não até que haja justiça.

Mantenham os olhos em Gaza.

Mantenham os ouvidos na Palestina.

A ocupação não terminou. Soldados israelenses ainda controlam o norte de Gaza, suas fronteiras, seu espaço aéreo, sua ajuda, seu registro populacional. A Cisjordânia permanece sob cerco. Os assentamentos continuam a se expandir. Os checkpoints continuam a sufocar a vida diária. A detenção administrativa continua sem julgamento, sem devido processo. E a maquinaria do apartheid permanece intacta.

Não deixem que este cessar-fogo se torne uma desculpa para o silêncio. Não deixem que os governos celebrem a diplomacia enquanto continuam a armar um lado da ocupação.

Mantenham a pressão - em todas as frentes.

- **Até que Israel encerre sua ocupação de Gaza e da Cisjordânia**, como ordenado pelo **Tribunal Internacional de Justiça**, e reafirmado repetidamente por **resoluções da ONU**.
- **Até que todos os reféns palestinos - aqueles mantidos sem julgamento, sem acusações, sem direitos - sejam libertados.**
- **Até que a solução de dois estados não seja apenas um slogan**, mas uma realidade real e aplicável enraizada em fronteiras, direitos e soberania.
- **Até que os líderes israelenses - e o próprio Israel - sejam levados à justiça**, responsabilizados no **Tribunal Penal Internacional** e no **Tribunal Internacional de Justiça**, como qualquer outro estado que cometeu crimes graves.

Não pode haver paz sem justiça. Não pode haver justiça sem responsabilidade. E não haverá nenhuma das duas se o mundo parar de olhar agora.

O povo de Gaza não é um ciclo de notícias. Não é uma causa para ser adotada e abandonada. Eles estão vivendo as consequências do silêncio internacional, da impunidade e da indignação seletiva.

Que esse silêncio termine aqui.

Conclusão - Uma Pausa ou um Fim?

Este cessar-fogo pode parecer um fim. As bombas pararam - por agora. As manchetes estão mudando. A ajuda está começando a chegar aos poucos. Algumas famílias se reuniram. Algumas crianças dormiram a noite toda.

Mas para Gaza, para a Palestina, este não é o fim. É uma pausa. Um momento frágil e temporário suspenso entre a sobrevivência e a possibilidade de violência renovada.

Muito permanece sem resolução. Muitas mentiras ainda pairam no ar: que a ocupação não existe, que Gaza já foi “libertada”, que a morte de milhares de civis é de alguma forma autodefesa. O mundo assistiu ao horror se desdobrar em tempo real - viu hospitais destruídos, jornalistas mortos, bairros inteiros apagados - e ainda lutou para nomear o que era.

Mas os nomes importam. A história importa. E a verdade é esta: o que aconteceu em Gaza nos últimos dois anos não foi uma guerra entre iguais. Não foi um “conflito”. Foi uma **campanha sistemática e sustentada** contra uma população civil encurralada, e foi chamada de **genocídio** - não apenas por ativistas, mas por **médicos, estudiosos, investigadores da ONU** e pelo **Tribunal Internacional de Justiça**.

Este cessar-fogo, embora necessário, não é uma solução. Não desfaz o que foi feito. Não traz os mortos de volta. Não acaba com o bloqueio. Não restaura casas, segurança ou soberania. Não liberta a Palestina.

O único caminho a seguir é através da **justiça** - justiça real, internacional e aplicável. Isso significa julgamentos. Isso significa reparações. Isso significa o fim da ocupação, não apenas em palavras, mas em ações. Significa vontade política e risco político de um mundo que por tempo demais permitiu a impunidade israelense.

Se este momento se tornar um ponto de virada, não será porque os líderes de repente escolheram a moralidade. Será porque as pessoas - **milhões de pessoas** - ao redor do mundo se recusaram a parar de olhar. Se recusaram a parar de gritar. Se recusaram a aceitar o silêncio como paz.

O cessar-fogo de outubro de 2025 pode um dia ser lembrado como o início de algo. Ou pode ser lembrado como outra pausa antes de outro massacre.

A escolha - desta vez - não é apenas de Israel. Pertence a todos nós.